



II SIMPÓSIO PROCESSOS CIVILIZADORES NA PANAMAZÔNIA

Figuração, interculturalidade e
relação de poder

9 a 11 de junho de 2021
Manaus-AM-Brasil

ISBN: 978-65-89908-54-8

CORONAVÍRUS E AS RELAÇÕES DE TRABALHO EM UMA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA AMAZONENSE: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DO LIVRO A SOLIDÃO DOS MORIBUNDOS, DE NORBERT ELIAS.

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2ª edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

PIRES; Felipe Magno Silva¹

RESUMO

CORONAVÍRUS E AS RELAÇÕES DE TRABALHO EM UMA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA AMAZONENSE:
uma análise sob a perspectiva do livro A Solidão dos Moribundos, de Norbert Elias.

Felipe Pires[1]

RESUMO

Práticas de trabalho em uma biblioteca universitária de Manaus em tempos de pandemia do Coronavírus. Apresenta uma análise das relações de trabalho entre os bibliotecários em uma biblioteca universitária no período de isolamento social ocasionado pela Sars-CoV-2, ou Covid-19. As bibliotecas já são potencialmente insalubres, portanto os bibliotecários estão sujeitos a contrair com maior facilidade doenças respiratórias causadas por fungos e bactérias presentes nos livros. Busca compreender quais são os receios dos bibliotecários de uma biblioteca pública universitária de Manaus, Amazonas, no período da pandemia, bem como saber se eles convivem com parentes do grupo de risco, se já contraíram a doença e se já perderam parentes, amigos e amigas para a Sars-CoV-2. Foi realizada uma pesquisa com ênfase no aporte teórico de Norbert Elias, de cunho qualitativo, bem como foi realizado um estudo de caso com aplicação de um questionário de perguntas abertas com 05 (cinco) bibliotecários. Os resultados foram discutidos à luz da fenomenologia. Conclui que o medo da contaminação por Coronavírus é constante, sobretudo pelo alto número de óbitos ocasionados pela doença, bem como o receio de infectar os parentes do grupo de risco é bastante evidente em seus discursos.

Palavras-chave: Coronavírus, Covid-19, Biblioteca, Trabalho, Norbert Elias.

ABSTRACT

Work practices in a university library in Manaus in times of the Coronavirus pandemic. It presents an analysis of the working relationships between librarians in a university library during the period of social isolation caused by Sars-CoV-2, or Covid-19. Libraries are already potentially unhealthy, so librarians are more likely to contract respiratory diseases caused by fungi and bacteria in books. It seeks to understand what are the

¹ Universidade Federal do Amazonas, felipemkalyma@hotmail.com

fears of librarians in a public university library in Manaus, Amazonas, during the pandemic period, as well as to know if they live with relatives of the risk group, if they have already contracted the disease and if they have already lost relatives, friends and friends. for Sars-CoV-2. A research was carried out with emphasis on the theoretical contribution of Norbert Elias, of a qualitative nature, as well as a case study with the application of an open-ended questionnaire with 05 (five) librarians. The results were discussed in the light of phenomenology. It concludes that the fear of contamination by Coronavirus is constant, especially due to the high number of deaths caused by the disease, as well as the fear of infecting the relatives of the risk group is quite evident in their speeches.

Keywords: Coronavirus, Covid-19, Library, Work, Norbert Elias.

INTRODUÇÃO

O mundo tem atravessado uma pandemia como há muito tempo não era vista. O Coronavírus, uma grande família de vírus comum a diversas espécies de animais, não costuma infectar seres humanos com muita frequência, contudo, uma de suas variações, conhecida como Sars-CoV-2, tem sido responsável por, até o dia 23 (vinte e três) de dezembro de 2021 (dois mil e vinte e um), 3.100.000 (três milhões e cem mil) óbitos no mundo todo desde que o primeiro caso da doença veio à tona na cidade de Wuhan, China, em dezembro de 2019 (dois mil e dezenove), sendo o Brasil o segundo país com o maior número de óbitos em razão da doença, próximo de 400.000 (quatrocentos mil) (BRASIL, 2021), dados referentes à última data supracitada.

No Estado do Amazonas, um dos mais afetados pela pandemia, até a data supracitada, são 12.474 (doze mil quatrocentos e setenta e quatro) óbitos, grande parte oriundos da crise na saúde pública, que não tinha suporte para atender a grande demanda de infectados (AMAZONAS, 2021). Embora uma parte dos infectados possa ser assintomática, enquanto outros apresentam sintomas leves, uma cota pequena, cerca de 20% (vinte por cento) dos que contraem o vírus, apresenta sintomas graves, como dificuldades respiratórias, sendo que um quarto dos infectados necessita do auxílio de ventilação para poder respirar. Nesses 20% (vinte por cento) se encontram pessoas com doenças crônicas, como hipertensão, asma e diabetes, idosos, obesos, gestantes, crianças de até 05 (cinco) anos e fumantes (BRASIL, 2021). Portanto, mesmo que a maioria das pessoas não esteja no grupo de risco, os cuidados são fundamentais para evitar contaminar familiares e amigos que se encontrem nesses grupos que apresentam quadros mais graves.

Este novo cenário tem reconfigurado as relações sociais. Agora as palavras de ordem são “distanciamento social”, “álcool em gel”, “novo normal” e “utilize máscara”; em razão dos altos níveis de transmissibilidade da Sars-CoV-2, as distâncias entre as pessoas têm se tornado cada vez maiores, as aulas agora são online, e as práticas de trabalho precisam seguir um rígido protocolo de proteção e higiene para evitar o contato com o vírus. São novos tempos que requerem adaptação. Tais fatores são resultantes dos relaxamentos de medidas sociais de prevenção.

Com ênfase nessas questões apresentadas, busca-se compreender de que modo têm ocorrido as relações de trabalho entre os bibliotecários de uma biblioteca pública universitária de Manaus, Amazonas, no período da pandemia, quais são os receios desses profissionais, bem como saber se eles convivem com parentes do grupo de risco, se já contraíram a doença e se já perderam parentes, amigos e amigas para a Sars-CoV-2. Por se tratar de um ambiente com alta potencialidade de se adquirir doenças respiratórias em razão do grande número de fungos e bactérias presentes nos livros e periódicos, a biblioteca se apresenta com um local de risco, sobretudo pelo manuseio de livros devolvidos de empréstimos dos usuários, uma vez que a higienização pode estragar o papel.

A biblioteca onde a pesquisa será aplicada possui 15 (quinze) funcionários, dentre os quais 08 (oito) fazem parte do grupo de risco, sendo 01 (uma) pessoa obesa, 01 (uma) pessoa diabética, 01 (um) cardiopata e 01 (uma) pessoa com problema de hipertensão, estando os outros 04 (quatro) dentro do grupo de pessoas idosas. Em razão disso, desde o início da pandemia, essas pessoas estão trabalhando em sistema remoto, enquanto que os outros 07 (sete) funcionários trabalham de modo presencial. Para se atingir os resultados pretendidos, será realizada uma pesquisa bibliográfica com ênfase no aporte teórico de Norbert Elias, de cunho qualitativo, bem como será realizado um Estudo de Caso, com aplicação de um questionário de perguntas abertas com 05 (cinco) bibliotecários. Os resultados serão discutidos à luz da fenomenologia.

2 A MORTE: uma questão pandêmica

Em uma de suas obras mais emblemáticas, *A Solidão dos Moribundos*: seguido de “envelhecer morrer”, o teórico Alemão Norbert Elias explica que a sociedade dita saudável - e nesse contexto se enquadra majoritariamente a juventude - tende a isolar os mais velhos ou os moribundos por seu eminente contato com a morte. Um dos aspectos do processo civilizador diz respeito ao banimento da morte para os bastidores da vida social (ELIAS, 2001), contudo, na Idade Média, a relação da sociedade com a morte era muito mais pessoal, convivía-se com ela diariamente, fosse em razão das guerras, dos suplícios ou das pandemias que assolavam o mundo constantemente (ARIES, 2012).

Curioso perceber que a pandemia do Coronavírus tem propiciado a análise da teoria de Norbert Elias sob outro ponto de vista: agora são os idosos e os moribundos que querem o afastamento das pessoas ditas saudáveis, ou melhor, de repente a sociedade passou a se repelir, pois todos, de certa forma, são moribundos. A tangibilidade da morte nunca foi tão real à sociedade moderna, a exceção da África, com o surto do Ebola, e da Ásia, com a gripe aviária, mas nada parecido foi enfrentado pelas sociedades europeia e americana quanto a pandemia da Sars-CoV-2 nas últimas décadas. Assim, de súbito, todos se tornaram suspeitos, pois o vírus do Covid-19 permanece silencioso no corpo do infectado durante os primeiros dias, o que possibilita a rápida proliferação da doença.

O ato de tossir e espirrar jamais foram tão nocivos à sociedade, não é mais uma questão de boas maneiras, mas uma questão de saúde pública. No curso do processo civilizador, Norbert Elias (2011), ao falar sobre boas maneiras, explica que as flatulências, quando na presença de outras pessoas, devem ser escondidas pelo som da tosse. “Tossir para ocultar o som explosivo: aqueles que, porque são embaraçados, não querem que o vento explosivo seja escutado, simulam um ataque se tosse. Siga a regra de Quilfades: substitua os peidos por acessos de tosse” (ELIAS, 2011, p. 130). Mas a tosse, na conjuntura moderna da pandemia, é ainda mais alarmante que os gases, e muito menos adequada.

A efemeridade da vida foi descortinada, retornou-se à configuração inicial, aquela da Idade Média. “A morte está mais viva do que nunca!”. Segundo Botelho (2009, p. 13), ao se referir à questão pandêmica, “o invisível se torna visível”. Por menos nociva que seja, qualquer tipo de enfermidade é uma espécie de ensaio para a morte; o surgimento do risco, um alerta à vida, e assim, depois de vencida a doença, buscam-se meios de evitar o seu retorno, seja na alimentação ou na própria medicina, porque o homem é obcecado em adiar o seu fim tanto quanto for possível, contudo, quando se trata de uma crise pandêmica, onde não existe cura conhecida, apenas protocolos de segurança para evitar o contágio enquanto não tem vacina para todos.

Assim, “nada [...] tem despertado tanto medo da dor e da morte do que as epidemias, notadamente nos períodos em que a doença mortal fora de controle é associada ao pecado. Todos os registros sagrados e profanos assinalam essa evidência” (BOTELHO, 2009, p. 19). Nesse sentido, um dos aspectos do processo civilizador diz respeito à construção da sociedade ocidental utilizando como uma de suas bases o pensamento cristão, daí Elias (2001, p. 44) dizer que “o medo de nossa transitoriedade é amenizado com a ajuda de uma fantasia coletiva de vida eterna em outro lugar”. Quer dizer, se a sociedade, de modo geral, é produto de práticas religiosas dominantes, é perfeitamente compreensível que esses construtos sociais de desgosto e ira divina surjam na forma de doenças denominadas de pestes como punição de um Deus vingador. Esse pensamento ainda se mantém muito fortemente no imaginário ocidental moderno, o que desperta um pavor muito maior relativo à questão pandêmica.

A pandemia do Covid-19 tem trazido novas configurações sobre a questão da morte. Agora as pessoas morrem e seus corpos não podem ser velados pelos seus parentes, e os rituais, sobretudo os cristãos, são deixados de lado, pois o risco de contaminação é muito alto, sendo permitidas apenas pouquíssimas pessoas para acompanhar de uma distância segura o enterro de seus entes queridos. O Coronavírus trouxe uma situação de exceção. Um dos casos que chamou bastante atenção da mídia foi a exposição de corpos nas ruas do Equador de pessoas que morriam em razão do vírus, especificamente na cidade de Guayaquil, uma das mais castigadas do país. O sistema de saúde da cidade não estava pronto para atender a demanda de infectados, tampouco as funerárias estavam preparadas para o quantitativo de corpos (FRANCE PRESSE, 2020). Situação semelhante aconteceu na cidade de Manaus, onde pessoas estavam morrendo em casa em decorrência da precariedade do sistema público de saúde, e covas coletivas estavam sendo abertas para atender a alta demanda de óbitos diários por causa do Sars-CoV-2 (BUBLITZ, 2020).

As realidades supraditas denotam a calamidade ocasionada pela pandemia, o pavor social instaurado, algo que encontra voz em Elias (2001, p. 53), quando ele explica que “[...] não é a própria morte que desperta temor e terror, mas a imagem antecipada da morte [...] O terror e o temor são despertados somente pela imagem na morte na consciência dos vivos”. A pandemia do Coronavírus é o contorno maior desse

imaginário no mundo moderno, especificamente porque o vírus tornou todos suscetíveis ao óbito, independentemente da idade; embora exista um padrão de pessoas mais afetadas, o vírus é democrático.

Salvo algumas exceções, são pouquíssimas as formas de tratamento da Covid-19, daí o receio de que o ser humano encontre o seu triste fim. “A constatação de que a morte é inevitável está encoberta pelo empenho em adiá-la mais e mais com a ajuda da medicina e da previdência, e pela esperança de que isso talvez funcione” (ELIAS, 2001, p. 56). O problema é que a medicina, a principal aliada, levando em consideração o caso de Manaus, é a primeira a desesperançar esses pacientes.

Em seu livro *Breve História de Quase Tudo*, o autor estadunidense Bill Bryson, ao citar o artigo do jornalista também estadunidense James Surowieck, apresenta algumas reflexões sobre a indústria farmacêutica, de que modo ela funciona, e como seu pensamento estritamente capitalista acentua o perigo dos quadros clínicos dos pacientes, pois “dada a opção entre desenvolver antibióticos que as pessoas tomarão durante duas semanas ou antidepressivos que as pessoas tomarão a vida toda, não surpreende que as empresas farmacêuticas optem por estes últimos” (SUROWIECK, 2001, p. 46 apud BRYSON, 2005, p. 321). Isso se tratando de bactérias, que são responsáveis, apenas nos Estados Unidos da América, por 14.000 (catorze mil) mortes ao ano referentes a infecções hospitalares (BRYSON, 2005). Quer dizer, no caso dos vírus, o cenário é semelhante.

Os vírus são responsáveis por algumas das doenças mais agressivas que podem acometer humanos: varíola, febre amarela, gripe, ebola, raiva, pólis, aids e, mais recentemente, a Sars-CoV-2, e “por si mesmos não estão vivos. Isoladamente, são inertes e inofensivos. Mas introduzidos no hospedeiro adequado, entram em atividade, ganham vida” (BRYSON, 2005, p. 322). Os vírus atuam sequestrando a informação genética de uma célula saudável e assim se reproduzem ferozmente enquanto atacam novas células. Embora sejam muito pequenos – apenas em 1943, com a invenção do telescópio eletrônico é que se tornou possível vê-los –, eles têm a o poder de causar danos enormes à sociedade humana. A varíola, uma das doenças causadas por vírus, pode ter tirado a vida de mais de 300.000.000 (trezentos milhões) de humanos apenas no Século XX (BRYSON, 2005). Um cenário devastador quando se pensa que a causa é uma porção ínfima de ácido nucléico.

Uma das epidemias mais nocivas à humanidade foi a ocasionada pelo vírus da chamada Gripe Espanhola, que teve início na primavera de 1918 (mil novecentos e dezoito). Desse modo, “a Primeira Guerra Mundial matou 21 milhões de pessoas em quatro anos; a gripe espanhola fez o mesmo em seus primeiros quatro meses. Quase 80% das baixas norte-americanas na Primeira Guerra [...] resultaram [...] da gripe” (BRYSON, 2005, p. 323). Não se sabe ao certo quantas pessoas morreram em razão da Gripe Espanhola, mas certamente não foram menos de 20.000.000 (vinte milhões) de pessoas, enquanto que outras estimativas estão em algum ponto entre 50.000.000 (cinquenta milhões) e 100.000.000 (cem milhões) de vítimas. No ano de 1918, a despeito de a gripe ser mais forte em idosos e crianças, a maioria das mortes foram de pessoas entre as faixas etárias de 20 (vinte) a 30 (trinta) anos (BRYSON, 2005). Deve-se, naturalmente, levar em conta que a expectativa de vida naquela época era menor.

O vírus não tem uma capacidade de sobreviver durante muito tempo fora do hospedeiro, contudo ele tem a capacidade de se proliferar muito rapidamente, podendo aparecer em diferentes localidades distantes, como é o caso de países em continentes diferentes. Quando esses casos ocorrem é um claro sinal de que o vírus demora a desenvolver seus efeitos, o que o torna difícil de ser combatido à primeira vista, pois “mesmo em surtos normais, cerca de 10% dos que estão com gripe não sabem que estão doentes, por não sentirem nenhum efeito. Como permanecem em circulação, eles tendem a ser grandes disseminadores da doença” (BRYSON, 2005, p. 324).

Tal fenômeno descortina o motivo da ampla proliferação da Gripe Espanhola, mas não esclarece as razões de ela ter sido tão nociva às pessoas que, majoritariamente, estavam no ápice de seu vigor físico em razão da juventude, o que torna qualquer tipo de vírus novo, imprevisível, como o é o caso do Novo Coronavírus. Sabe-se o que o vírus causador da Sars-CoV-2 é, de onde ele provavelmente veio [2], como ele age no corpo humano, tem-se ideia de quais são os grupos de risco, as pessoas mais suscetíveis a pegá-lo, mas não se sabe ao certo o que ele pode se tornar, e é esse fator de imprevisibilidade que causa grandes preocupações à sociedade moderna.

Por enquanto, é imprescindível que se siga os protocolos de segurança: isolamento social, álcool em gel, uso de máscaras, o não compartilhamento de objetos, manter um distanciamento de cerca de 2 (dois) metros para as outras pessoas, lavar as mãos, evitar tocar os olhos, nariz e boca, dentre outras medidas de proteção. A questão é que a pandemia do Coronavírus ainda transita pelo mundo em pleno vigor, reestruturando todas as relações sociais, transformando, talvez de modo definitivo, a forma como a vida é encarada. Em função disso, é necessário apresentar um recorte desse epifenômeno e de que modo ele incide

na relação de trabalho de um grupo de bibliotecários que atuam em uma biblioteca universitária pública de Manaus.

3 O TRABALHO BIBLIOTECÁRIO EM TEMPOS PANDÊMICOS: análise e discussão do Estudo de Caso à luz da teoria de Norbert Elias

Dos 15 (quinze) funcionários que atuam na biblioteca, foram escolhidos 04 (quatro) bibliotecários e 01 (uma) bibliotecária para participar da pesquisa com foco na relação de trabalho presencial do grupo durante a pandemia do Novo Coronavírus. Foi aplicado um questionário contendo 05 (cinco) perguntas abertas, a saber: “quais são os seus principais receios ao trabalhar em uma biblioteca durante o período de pandemia?”; “Você convive com parentes do grupo de risco? Se sim, quantos e quem são?”; “Você ou algum de seus parentes já contraiu Coronavírus? Se sim, como foi a sua experiência?”; “Você se sente seguro em relação aos seus colegas de trabalho? Se não, por quê?”; “Você já perdeu algum parente ou amigo para o Coronavírus? Se sim, quem são e como você se sente em relação a isso?”. As respostas serão analisadas sob a perspectiva da teoria de Norbert Elias, especificamente em seu livro *A Solidão dos Moribundos: seguido de “envelhecer e morrer”*.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) publicou algumas orientações para as práticas trabalhistas durante o período de pandemia da Sars-CoV-2, sendo algumas as instalações de barreiras físicas, geralmente as transparentes, de acrílico, para evitar a contaminação, bem como a carga horária de trabalho reduzida, com aplicação de horários flexíveis, e os ambientes também precisam ser bastante ventilados, de modo que o trabalho em escritório, geralmente fechado e climatizado pelos condensadores de ar, fica comprometido. Além desses aspectos, a higienização do ambiente é fundamental para que as medidas sejam efetivas. A OIT também evidencia a necessidade de monitorar a saúde dos funcionários, bem como promover a higienização pessoal e oferecer equipamentos de proteção individual (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2020).

Contudo, algumas dessas medidas, especialmente a que se refere à questão da climatização, não podem ser adotadas por bibliotecas, uma vez que, segundo a Fiocruz (2020), esses ambientes precisam estar climatizados de forma ininterrupta, ou seja, os condensadores de ar não podem ser desligados, pois a oscilação de temperatura ajuda na proliferação dos microrganismos, além de provocar o alargamento e o consequente desgaste das fibras que compõem o papel. A temperatura ideal para acervos compostos por papel está entre 18 (dezoito) e 22 (vinte e dois) graus centígrados. Quer dizer, concomitantemente à preservação do acervo, cria-se um ambiente potencialmente nocivo aos funcionários em razão do Coronavírus.

Levando em consideração o que está exposto, entra-se na análise dos questionários desinentes do Estudo de Caso, sendo que a primeira pergunta, sobre quais os principais receios dos bibliotecários ao trabalharem em uma biblioteca durante o período de pandemia, obteve respostas semelhantes, um dos bibliotecários disse que *“o principal receio é o contato com outras pessoas, principalmente público externo, a circulação de pessoas nesse tipo de ambiente fechado, o contato com os outros colegas, já que a doença se manifesta assintomática. Ninguém consegue perceber quem tá ou não doente”*.

Outro bibliotecário disse que *“o principal receio é ser infectado pelo Coronavírus e não ter apoio da empresa em decorrência da infecção e também no tratamento da doença”*. Ao responder à pergunta, a bibliotecária explicou que *“o meu receio é de ser reinfecteda pelo Novo Coronavírus, já que mesmo que eu tenha me contaminado, já vi muitos casos de reinfecção. Tenho receio também de levar o vírus pra minha família, já que estamos bastante expostos, tendo em vista que atendemos ao público. No tempo em que me contaminei com o vírus fiquei com bastante medo de ter passado pros meus colegas de trabalho, pois eu não sabia que estava infectada”*.

O terceiro bibliotecário disse que *“quando se trata de uma biblioteca, a principal questão é de doenças respiratórias, tendo em vista o contato com livros antigos e outros materiais que de alguma forma possa diminuir a imunidade”*. Em relação ao que disse o último dos entrevistados, *“o principal é a contaminação pelo Coronavírus e consequentemente infectar minha família. Tenho filho pequeno, que, pela idade, é do grupo de risco. Mas também existe o receio de eu contrair a doença e ela ser fatal pra mim, apesar de eu não ser do grupo de risco”*.

Talvez como nenhuma outra doença atualmente, o Coronavírus escancarou a iminência da morte, a morte dita pelo acaso, democrática, sem diferenciação de idade, gênero, raça ou sem diferir quem tem mais ou menos bens materiais. Sabe-se que o Sars-CoV-2 também trouxe à tona a debilidade do sistema público de

saúde, o que fica bastante característico na expressão de um dos bibliotecários, quando ele demonstra o receio de não receber apoio da empresa onde atua no que se refere à eventual contaminação pelo vírus, tendo, desse modo, de depender da saúde pública. Nesse sentido, é necessário explicar, tal qual Elias (2001, p. 53), que “não é a própria morte que desperta temor e terror, mas a imagem antecipada da morte [...]. O terror e o temor são despertados somente pela imagem da morte na consciência dos vivos”.

Ao analisar o último trecho da última resposta à primeira pergunta do questionário, quando o entrevistado diz que tem receio de a doença ser fatal também para ele, todas as reações a respeito da pergunta apresentam contornos mais bem definidos na teoria de Norbert Elias. O autor explica o que de fato é determinante nas relações das pessoas com a morte: “não é simplesmente o processo biológico desta, mas a ideia, em constante evolução e específica do estágio da civilização, que se tem dela e a atitude associada a isso, o problema sociológico da morte aparece com contornos mais claros” (ELIAS, 2001, p. 54). De fato, a morte é um problema sociológico, e a pandemia do Covid-19 deixou isso em bastante evidência.

No que se refere à segunda pergunta, a respeito da convivência com parentes do grupo de risco, um dos bibliotecários disse que convive com um filho pequeno e com a mãe idosa, dois dos entrevistados vivem com pais idosos, sendo que um dos bibliotecários afirmou que *“meu pai tem 86 anos e minha mãe 76 anos. É delicado sair pra trabalhar e correr o risco de trazer a doença pra dentro da minha casa”*. A bibliotecária disse que convive com a sogra, a avó e a tia, três pessoas idosas, enquanto que o último entrevistado respondeu que mora sozinho.

Os mais velhos estão no centro do grupo de risco em relação ao Coronavírus, portanto, isolá-los tem se tornado um processo bastante natural. O que é tratado como crítica no livro *A Solidão dos Moribundos*: seguido de envelhecer e morrer, de que a juventude tende a naturalmente isolar os mais velhos, esse cenário tem se acentuado durante a Pandemia; mesmo que os mais velhos ainda estejam inseridos no seio familiar, eles são sumariamente isolados, um processo que denota a resignificação da teoria de Norbert Elias, pois não é isolar o idoso para os bastidores da vida social, nem para evitar a sua associação com aquele que está prestes a morrer, mas para preservar a sua existência, pelos laços afetivos, que diverge do que preconiza Elias (2001, p. 85), quando ele diz que *“o envelhecimento geralmente é acompanhado pelo esgarçamento desses laços [...]”*. Na atual conjuntura da sociedade pandêmica, eles não são destruídos, mas preservados, tanto os laços quanto a saúde dos mais velhos.

No que tange a terceira pergunta, se eles ou algum de seus parentes já contraiu o Coronavírus, apenas 01 (um) dos bibliotecários e a bibliotecária disseram que já contraíram a doença, sendo que o primeiro não tem certeza, por não ter feito o exame a época. Nas palavras da bibliotecária: *“Sim, eu e meu ex-esposo. Foi uma experiência ruim, pois tivemos todos os sintomas do Covid. Sentimos falta de ar, porém não foi necessário ficarmos internados no hospital. Antes de descobrir a doença, tivemos contato com alguns parentes do grupo de risco, mas os mesmos não se contaminaram devido ao cuidado que tivemos com o uso das máscaras e a utilização do álcool em gel”*.

Nas palavras do bibliotecário, *“sim, alguns parentes, e agora eu atualmente estou com Covid. A experiência é muito complicada, preocupante, principalmente pra mim que convivo com grupo de risco, a sensação é de medo constante. Me falta ar, estou isolado, e parece que quanto mais sozinho, maior o medo. Não consigo dormir direito pensando no pior”*. Dois dos bibliotecários disseram que nunca pegaram Covid, tampouco desconhecem que algum de seus parentes já tenha sido contaminado. O quinto bibliotecário afirmou que *“sim, meus parentes, e a sensação é horrível, de impotência e medo por não saber quem pode ou não resistir aos efeitos da doença, que tem sido devastadora. Existe também a insegurança de adquirir o vírus e não ter vagas nas unidades de saúde”*.

Como parte do Processo Civilizador tão comum à obra de Norbert Elias, as preocupações com a morte passaram a ser adiadas, contudo, na Idade Média, ela era muito mais familiar. O medo da morte se intensificou no século XIV, quando *“as cidades cresceram. A peste se tornou mais renitente e varria a Europa em grandes ondas. As pessoas temiam a morte ao seu redor”* (ELIAS, 2001, p. 21). Mais além, Elias (2001, p. 21-22) explica que não existia morte pacífica no passado, e que o nível do medo em relação a isso era menor, pois havia *“menor pacificação interna e menor controle de epidemias e outras doenças. O que confortava às vezes os moribundos no passado era a presença de outras pessoas [...]”*. Quer dizer, a epidemia do Novo Coronavírus evoca, nesse sentido, dois medos: o da morte e o da solidão, o que representa um retrocesso do estágio de desenvolvimento da sociedade. A morte anônima e solitária tem se tornado lugar comum no mundo moderno.

Sobre a quarta pergunta do questionário, se os bibliotecários se sentem seguros em relação à convivência com seus colegas de trabalho, apenas 02 (dois) disseram que sim, 01 (um) bibliotecário e a bibliotecária, que explicou: *“sim, porque todos estão mantendo o distanciamento, utilizando as máscaras e fazendo o uso do*

álcool em gel. Porém percebo que o público, pelo menos boa parte, não tem o mesmo cuidado. Ao adentrarem na biblioteca, eles retiram as máscaras, ainda que exista um protocolo interno a ser seguido”.

Dos 03 (três) bibliotecários que disseram não se sentirem seguros, um deles justificou da seguinte maneira: *“não, pois é difícil identificar quem está com o vírus ou não”.* O segundo bibliotecário explicou que *“Não. Dois colegas foram infectados pelo Coronavírus e vieram trabalhar quando já sentiam os primeiros sintomas”.* O terceiro bibliotecário também se explicou: *“sinceramente eu não me sinto seguro, uma doença até certo ponto desconhecida, os objetos são compartilhados, a gente pega nas maçanetas das portas, muita gente é assintomática, então a gente não sabe o que pode acontecer”.*

Dessa maneira, podemos definitivamente “encarar a morte como um fato de nossa existência; podemos ajustar nossas vidas, e particularmente nosso comportamento em relação às outras pessoas, à duração limitada de cada vida” (ELIAS, 2001, p. 7). Porque nessa atual conjuntura pandêmica, não se sabe qual o limite da existência, o vírus reconfigurou as preocupações com a saúde e com a morte, mas também trouxe a oportunidade de fortalecer os laços familiares e de amizade, paradoxalmente em um período onde o distanciamento social é fundamental para a preservação das vidas.

A quinta pergunta, sobre se os bibliotecários já tinham perdido algum parente ou amigo para o Coronavírus, todos disseram que sim, sendo que um dos bibliotecários se manifestou da seguinte forma: *“Graças a Deus não (no caso de parentes), mas amigos, sim, parentes de pessoas conhecidas também. Eu fico triste e ao mesmo tempo com medo. A gente pensa logo na família, nos nossos pais e nos parentes mais vulneráveis. Na voz da bibliotecária: “Sim. Perdi dois primos que eram como irmãos, morreram na mesma semana, morreu também meu pai e minha irmã mais velha. Perdi um amigo médico conhecido, que era o meu ortopedista, jovem. Fico muito triste porque esse vírus tem levado muita gente querida, inclusive pessoas jovens. A sensação que tenho é de que estamos vulneráveis demais, tenho medo de perder as pessoas que amo para o vírus. Depois que peguei essa doença fiquei ainda com mais medo, pois sei o quanto é grave. Pra complicar tudo ainda me separei do meu esposo na Pandemia. Tudo veio de uma vez”.*

O terceiro entrevistado explicou: *“Sim. Perdi amigos. É uma questão complicada, pois não se sabe quando estaremos seguros. Infelizmente perdemos amigos e pessoas próximas, aqui mesmo na escola. O melhor a se fazer é continuar a prevenção”.* O quarto bibliotecário falou que *“Sim. Perdi um avô, dois tios e dois amigos. A sensação é de impotência e medo em perder mais pessoas próximas”.* O quinto bibliotecário disse que perdeu *“um cunhado, de 38 anos, aparentemente saudável, e alguns amigos e colegas do grupo de risco também, inclusive do trabalho. Toda perda é lamentável, independentemente da idade. A gente não sabe lidar com isso. Fiquei com o sentimento, no caso do meu cunhado, de que poderia ter sido eu, penso na dor da família dele, que deixou esposa e dois filhos. O sofrimento é enorme. Eles mal puderam se despedir do corpo. Foi tudo muito repentino. É uma situação muito triste”.*

De acordo com Elias (2001, p. 76), “a morte não é terrível, terrível é a dor dos moribundos, terrível também a perda sofrida pelos vivos quando morre uma pessoa amada. Não há cura conhecida. Somos parte uns dos outros”. Ainda se servindo do pensamento do autor, “é terrível quando pessoas morrem jovens, antes que tenham sido capazes de dar um sentido às suas vidas e de experimentar suas alegrias” (ELIAS, 2001, p. 77). De fato, a morte é terrível, mas também o luto ocupa lugar especial nesse cenário pandêmico. Em uma de suas passagens no livro *A Solidão dos Moribundos*, Elias (2001) fala que quando morre alguém tão jovem, em função de um acidente de carro, chama-se de morte sem sentido. É o cenário que o Coronavírus desenhou, muitas mortes sem sentido, repentinas, solitárias e implacáveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar em um período tão nocivo à saúde tem se mostrado um desafio para muitos profissionais. No caso dos bibliotecários, ainda que tenham se estabelecido protocolos de preservação, com higienização e oferta de equipamentos de proteção individual, segundo os dados colhidos pela pesquisa realizada, a sensação de insegurança ainda é muito grande, sobretudo pela temeridade de eles próprios serem agentes de contaminação de seus parentes mais suscetíveis a não sobreviver ao vírus. Um temor constante da enfermidade e da morte, tão comum à obra *A Solidão dos Moribundos*, de Norbert Elias.

Um dos aspectos mais dolorosos dentre os muitos problemas trazidos pelo Coronavírus é exatamente a sensação de que todas as mortes são sem sentido, conforme explica Elias (2001), independentemente das idades das vítimas. Foram muitos óbitos sem a possibilidade de adeus, muitas perdas de amigos e parentes, que atingiram também os bibliotecários participantes desta pesquisa. Daí o medo, o temor crescente em razão da morte que se avizinha, do seu caráter súbito, e dos outros grandes problemas sociais que o vírus trouxe à

tona, como a nossa incapacidade enquanto sociedade de lidar com essa enfermidade e com a sua força destrutiva, que pôs em apuros os sistemas de saúde do mundo todo. Nesse sentido, os próprios médicos e demais profissionais de saúde, cuja função é controlar as forças devastadoras da natureza, “parecem muitas vezes observar estarecidos como tais forças quebram a autorregulação normal do organismo dos doentes e dos moribundos e avançam sem controle na destruição do próprio organismo” (ELIAS, 2001, p. 97).

É o caso do Sars-CoV-2, que, por sua natureza de se proliferar rapidamente por meio das células, ataca e compromete o bom funcionamento dos pulmões, o que causa insuficiência respiratória. Essa doença tem trazido grandes desafios aos profissionais de saúde, que têm de arcar com a precariedade de materiais e, principalmente, falta de ventiladores. Em razão disso, milhares de óbitos aconteceram. A vida tem se tornado mais frágil, bem mais propensa a encontrar o seu fim. A Sars-CoV-2 aparentemente veio para permanecer como uma “enfermidade-membro” da sociedade e que, sem a segurança das vacinas, andará passeando entre nós pronta para trazer à humanidade precocemente aquilo que é inevitável a qualquer sociedade: a morte.

Com base no pensamento supradito, as relações de trabalho em uma biblioteca universitária amazonense são apenas um retalho da grande malha do problema sociológico que é trabalhar enquanto a pandemia do Coronavírus ainda está bastante atuante no Amazonas, no Brasil e em todo o mundo, o que abre um precedente para que novas pesquisas sejam realizadas nesse sentido. Em relação ao vírus, sob a perspectiva da obrigatoriedade do trabalho, não há muito que possa ser realizado além dos protocolos e medidas de segurança já adotadas. O risco é imenso, não apenas para os trabalhadores, mas especialmente para os seus parentes, que em razão do ambiente insalubre das bibliotecas e pela via da materialidade do serviço prestado, podem ser grandes agentes de transmissão. Na escola onde a biblioteca está inserida, 28 (vinte e oito) servidores morreram em razão do Novo Coronavírus.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, João Bosco. **Epidemias**: a humanidade contra o medo da morte. Manaus: Editora Valer, 2009.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**: seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BRYSON, Bill. **Breve história de quase tudo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SUROWIECK, James. No profit, no cure. **New York**, 2001, p. 46.

FRANCE PRESSE. Com corpos de mortos por coronavírus nas ruas, cidade do Equador recebe doação de mil caixões de papelão. **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/05/com-corpos-de-mortos-por-coronavirus-nas-ruas-cidade-do-equador-recebe-doacao-de-mil-caixoes-de-papelao.ghml>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

BUBLITZ, Juliana. O que levou o Amazonas a ter pior situação da pandemia de coronavírus no Brasil. **GZH SAÚDE**, 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/04/o-que-levou-o-amazonas-a-ter-a-pior-situacao-da-pandemia-de-coronavirus-no-brasil-ck9bosar100e1017nb0mw933i.html>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

FIOCRUZ. Dicas de preservação. **Rede de biblioteca da Fiocruz**, 2020. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/redebibliotecas/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=10&sid=5#:~:text=A%20temperatura%20prop%C3%ADcia%20para%20abrigar,de%20espa%C3%A7o%20entre%20as%20fileiras.>>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

BRASIL. **Ministério da saúde**. Boletim epidemiológico da Covid-19. Brasília, 2019. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/>>. Acesso em 23 abr. 2021.

AMAZONAS. **Fundação de vigilância em saúde do Amazonas**. Dados epidemiológicos e despesas da Covid-19. Manaus, 2020. Disponível em: <<http://www.fvs.am.gov.br/>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT. Retorno seguro ao trabalho durante a pandemia de Covid-19. 2020. Disponível em: <<https://www.anamt.org.br/portal/2020/06/01/oit-publica-orientacoes-para-um-retorno-seguro-e-saudavel-ao-trabalho-durante-a-pandemia-de-covid-19/>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

[1] Bibliotecário-Documentalista. Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia - PPGSCA, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM

[2] Cientistas acreditam que o transmissor é o morcego, uma vez que a sopa do mamífero é uma das iguarias na China, sendo a Cidade de Wuhan o foco do primeiro caso.

PALAVRAS-CHAVE: Coronavírus, Covid-19, Biblioteca, Trabalho, Norbert Elias